

Introdução

Desde o momento em que me integrei mais ativamente no trabalho pastoral, como ouvinte das agruras de um povo sofrido que vive numa favela, onde o poder é disputado entre o tráfico e as milícias, e o Estado se encontra ausente, perguntava-me pela esperança do Reino de Deus.¹ Na minha dissertação de mestrado, pude descrever o problema do comércio religioso no contexto evangélico-protestante brasileiro, analisando a prática fundamentalista de um desses movimentos neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, IURD).² Se por um lado, a pergunta pelo fundamento teológico da experiência se fazia necessária para dar conta de uma realidade profundamente complexa, por outro, a linguagem teológica construída sobre o referencial teórico da modernidade não dava conta da realidade específica de uma comunidade carente, e nem conseguia responder aos anseios e angústias presentes na sociedade vigente, na qual o *sagrado* eclode, assumindo múltiplas faces em incontáveis segmentos religiosos, incluindo os cristãos.

Com o doutorado surgiu, portanto, a possibilidade de pesquisar um tema através do qual pudesse dialogar, teologicamente, com essas realidades complexas e, ao mesmo tempo, fomentar a esperança num mundo que volta a se perguntar pelo sentido real da vida. A partir dessas inquietações veio a oportunidade de estudar o conceito de *Reino de Deus*

¹ Minha pesquisa é consequência das perguntas sobre o papel da teologia e da Igreja na realidade social do nosso país. Coordenei um trabalho pastoral durante quase cinco anos com pessoas que moravam na rua, no centro do Rio de Janeiro. Em seguida, me transferi para uma favela em Jacarepaguá, a saber, Estrada do Mato Alto, Praça Seca. A dura realidade desse contexto, principalmente com a disputa entre milicianos e traficantes, me fizeram experimentar a existência sempre no limite entre vida e morte; exclusão e inclusão; morro e asfalto; sociedade e Igreja; teologia acadêmica e teologia prática. Na verdade, num contexto de tamanha dor e alegria, a pergunta sobre o que essa realidade tem a ver com Deus era constante. Esse foi o movimento que me conduziu ao doutorado. Ao ter um contato mais criterioso com a teologia de L. Boff, descobri um teólogo e uma teologia que constantemente faziam com que eu regressasse à favela, com a certeza de que aquela situação tinha a ver com Deus. As situações limites vividas por L. Boff davam-lhe a capacidade de compreender as profundas perguntas que ouvia naquele contexto. Acrescentava-se ainda a companhia da dor e de profundos questionamentos existenciais oriundos da saúde frágil de minha companheira. O Reino de Deus em L. Boff foi o alimento que dia-a-dia me conduzia a descobrir que a história de Deus estava imbricada na história de homens e mulheres que sofrem.

² OLIVEIRA, Delambre de. Neopentecostalismo. Lugar paradoxal. Pode o Espírito soprar aí? In: TEPEDINO, Ana Maria (org). *Amor e Discernimento; experiência e Razão no Horizonte Pneumatológico das Igrejas*. São Paulo: Paulinas. 2007, p. 163-182.

num autor brasileiro³ que conhece profundamente a realidade sofrida das favelas cariocas – local de onde surgiu minha inquietação pastoral – e, que também dialoga com os principais temas da crise da modernidade que interpelam a teologia⁴.

L. Boff tem uma longa história que integra a responsabilidade acadêmica com a jornada pastoral. Desde muito cedo, sua vida é marcada pela *condição limite*. L. Boff é brasileiro, nascido em Concórdia, Santa Catarina, neto de imigrantes italianos. Queria ser caminhoneiro, porém, descobriu o caminho dos franciscanos, tornando-se frade menor. Assim foi

³ Estou inserido num contexto de protestantes - pesquisadores que entendem que o pensamento teológico de L. Boff ajuda interpretar a realidade a partir da teologia. Podemos ver nestas breves citações, como os protestantes se interessam pelo pensamento teológico de L. Boff. Todos os referidos são protestantes. Cf. BRANDT, Hermann. *Jesus Cristo Libertador*. Quanto à compreensão da “cristologia crítica” em Leonardo Boff. *Estudos Teológicos*, v. 14, n. 2, p. 36-55, 1974; SANDER, Luis Marcos. *Jesus, o libertador: a cristologia da libertação de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Sinodal, 1986; NORDSTOKKE, Kjell. *Council and Context in Leonardo Boff's Ecclesiology: The Rebirth of the Church among the Poor*. Trad. Brian MacNeil. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1996; SINNER, Rudolf von. *Der dreieinige Gott als Gemeinschaft: Beobachtungen an Leonardo Boffs sozialer Trinitätslehre*. Basel: Facultät Theologie, 1993. Dissertação (Licenciatura em Teologia). Basel: Facultät Theologie, 1994; DALFERTH, Silfredo Bernardo. *Die Zweireichelehre Martin Luthers im Dialog mit der Befreiungstheologie Leonardo Boffs: ein ökumenischer Beitrag zum Verhältnis von christlichem Glauben und gesellschaftlicher Verantwortung*. Frankfurt a. Main: Lang, 1996; WESTPHAL, Euler Renato. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff*. São Leopoldo: Sinodal, 2003; SCHAPER, Valério Guilherme. *A experiência de Deus como transparência do mundo: o pensar sacramental em Leonardo Boff entre história e cosmologia*. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1998; SCHWAMBACH, Claus. *Rechtfertigungsgeschehen und Befreiungsprozess: die Eschatologie M. Luthers im kritischen Gespräch mit der Eschatologie südamerikanischer römisch-katholischer Befreiungstheologie von L. Boff und J. B. Libânio: Überlegungen zur ökumenischen Verantwortung christlicher Hoffnung*. Tese (Doutorado em Teologia). Erlangen-Nürnberg: Friedrich-Alexander-Universität, 2001. MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Christologie und Nachfolge: Eine systematisch-ökumenische Untersuchung zur Befreiungschristologie bei Leonardo Boff und Jon Sobrino*. Ammersbek: Verlag an der Lottbek, 1991. Para ver a importância do pensamento de L. Boff para a teologia protestante, cf. WACHHOLZ, Wilhelm. *Teologia de Leonardo Boff: Trindade, Igreja, Esperança, Graça, Ética, Laudatio*. *Estudos Teológicos*, v. 48, n. 2, p. 5-195, 2008.

⁴ Claramente, uma ala protestante no Brasil, já na década de 50, percebeu que existia uma inércia na postura da Igreja Evangélica em relação à realidade social e à marginalização do povo. Ou seja, a prática dessa Igreja autenticava o *status quo* excludente e impedia a correta vivência dos valores do Reino de Deus. Não é de admirar, que o pastor e teólogo Rubem Alves, em 1969, ao realizar a sua tese de doutorado, *A Theology of Human Hope* – que inicialmente se chamaria, *Para uma Teologia da Libertação* –, é considerada por alguns estudiosos como um dos primeiros trabalhos que questiona a postura da Igreja na América Latina. Infelizmente essa tendência crítica e ecumênica protestante foi, nos anos seguintes, suplantada pelo fundamentalismo exclusivista do *protestantismo de missão* oriundo dos Estados Unidos da América. Cf. LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão. Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002. *Passim*. Por esses motivos, a pesquisa sobre a teologia de L. Boff, especificamente sobre o Reino de Deus, torna-se

ordenado padre. De Curitiba para Petrópolis, e de Petrópolis para Munique, na Alemanha, onde defendeu sua tese doutorado⁵ em 1970. Experiência que mais uma vez marcaria para sempre sua trajetória: ele estava novamente na fronteira que separava a realidade brasileira e a alemã: o binômio vida-morte tangenciava profundamente sua vida pastoral e teológica.⁶ Na Alemanha, L. Boff receberia a primeira carta de sua casa informando-lhe sobre o falecimento do pai. A carta trazendo a notícia da morte carregava concomitantemente um sinal de vida: um toco amarelado de cigarro de palha que o pai havia fumado antes de morrer. Ele se tornara para L. Boff o *sacramento* da lembrança-presença do pai. Fato que renderia alguns textos⁷.

Saindo de uma Europa que experimentava as diversas aberturas, ele regressa ao Brasil em plena ditadura. Foi, então, “alvo de investigações por parte da polícia política. Era perigoso lançar livros, e finalmente um sob o título *Jesus Cristo Libertador*, naqueles anos de chumbo quando somente restava fazer uma *Teologia do cativo*, como Boff ia dizer em outro livro posteriormente”⁸. A fronteira dessas antagônicas realidades tangenciaria seu ser e, portanto, sua teologia, como bem descreveria João Batista Libanio: “Apesar de ter se doutorado na academia alemã conservou em toda a sua obra um traço tropical de beleza, de vigor, de explosão. Os alemães diriam que ele faz teologia “*mit Temperament* – com *páthos*, com paixão e com compaixão, com a totalidade do ser.”⁹ Marcado, portanto, pelas realidades de Deus e do ser humano, da sociedade e da Igreja, do conceito e da poesia, da morte e da vida, L. Boff foi professor de Teologia Sistemática e Ecumênica no Seminário Franciscano em Petrópolis, por 22 anos. Ao mesmo tempo, tinha uma vida de grande engajamento nas

profundamente relevante para um protestante que sofre as agruras de um povo marginalizado e sofrido.

⁵ SINNER, Rudolf von. Laudatio: Leonardo Boff. Outorga do título de doutor honoris causa pela Faculdade EST. *Estudos Teológicos*, v. 195, n. 2, p. 193-194, 2008.

⁶ O capítulo primeiro dessa tese mostra que esse dado interfere diretamente na teologia boffiana. Por isso, propomos uma hermenêutica que considere esse dado central na vida de nosso autor. Cf. 1.2.6

⁷ SINNER, R. von. *Op. cit.*, p. 194.

⁸ *Ibidem*.

⁹ LIBANIO, João Batista. Pensamento de Leonardo Boff. GUIMARÃES, Juarez (org). *Leituras críticas sobre Leonardo Boff*. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 9.

questões práticas da vida pastoral: subiu favelas, caminhou na Amazônia e compartilhou a fé nas CEBs. Foi defensor dos direitos humanos, ajudando a compor uma leitura peculiar a partir da América Latina¹⁰. Em 1992 e 1993, começou outra caminhada mais voltada para a sociedade: tornou-se professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, onde se aposentou¹¹.

A pesquisa sobre a teologia de L. Boff se justifica por vários motivos. Primeiro, porque o autor da tese percebeu uma confluência entre sua teologia e as questões existenciais da favela marcada também pelo limite da vida-morte. Segundo, porque “embora atue com públicos muito diferentes, proferindo palestras em movimentos sociais, ONGs, sindicatos, grupos militantes, empresas, universidades e com frequência na mídia, e embora tenha grande facilidade de adaptar sua linguagem para ficar compreensível para o público específico, nunca deixou de ser um teólogo profundamente enraizado na fé cristã”¹². Certamente, L. Boff é “o mais requerido teólogo brasileiro como palestrante e autor, no país e no exterior”¹³.

Não é uma tarefa simples pesquisar as raízes da teologia de Leonardo Boff. Ele estabelece vários diálogos com diversos autores, não apenas da teologia, mas também de outras áreas do saber, como destaca J. B. Libanio: “Leonardo Boff avulta entre os teólogos por sua personalidade vulcânica. Como nos aproximaremos dela?”¹⁴ Nossa limitação no estudo é compartilhada por outros ao falar da teologia boffiana: “Como fazê-lo caber num estudo sintético e panorâmico, sem violentar a vida borbulhante de seus escritos? É tarefa difícil sobrevoar

¹⁰ L. Boff atuou como professor de Teologia e Espiritualidade em vários centros de estudo e universidades no Brasil e no exterior. Foi também professor-visitante nas universidades de Lisboa, Portugal; Salamanca, Espanha; Harvard, EUA; Basel, Suíça; e Heidelberg, Alemanha. BOFF, Leonardo. Biografia. Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm> Acesso: 14.09.2009.

¹¹ SINER, Rudolf von. *Op. cit.*, p. 194. Essa mesma data marca o desligamento de L. Boff da ordem franciscana e do sacerdócio na Igreja Oficial. Para mais detalhes sobre toda sua vida e os detalhes dessa transição, cf <http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm>

¹² SINER, Rudolf von. *Op. cit.*, p. 194, 195.

¹³ *Ibidem*, p.194.

¹⁴ LIBANIO, João Batista. *Op. cit.*, p. 9.

criticamente a monumental obra de Leonardo Boff, que cobre um arco de mais de 30 anos com textos consistentes”¹⁵.

Nossa tese está intitulada *Humano, Cosmos e Deus: Alteridade Ontológico*¹⁶ - Relacional. O *princípio fundamental* do conceito Reino de Deus: sua permanência na teologia de Leonardo Boff. Com a presente pesquisa, propomo-nos demonstrar a presença de um *princípio fundamental, Grundprinzip*¹⁷, no conceito Reino de Deus para L. Boff e a sua permanência em alguns temas centrais de sua teologia. A sua amplitude bibliográfica e a constante mudança acenam para a necessidade de clara delimitação da obra e do período no qual essa pesquisa fora realizada. A pesquisa se fundamentará na obra *Jesus Cristo, libertador*¹⁸.

Contudo, três obras de L. Boff bastante lidas também foram baseadas nas ideias desta obra. Na 10ª edição de *Jesus Cristo Libertador*,

¹⁵ *Ibidem*, p. 10.

¹⁶ Nesse projeto doutoral, *ontologia* relacional quer dizer que, a partir de dentro – intrinsecamente – humano, cosmos e Deus são constitutivamente relação dinâmica. A pesquisa estará atenta para as diferenças existentes entre Criador e criatura. Por um lado, essa onto-relacionalidade divina – Pai, Filho e Espírito Santo – imprimir no cosmos e no humano as condições, a partir de dentro de suas singulares formas de existirem, para que sejam atualizadas as múltiplas possibilidades de alteridades de um Reino que é de Deus. Por outro lado, apenas a partir das experiências históricas crística, humana e cósmica é que se pode conceber tal condição intrínseca: onto-relacionalidade. Nesse sentido, o termo aqui empregado, ao mesmo tempo em que se aproxima de algumas concepções filosóficas – metafísica aristotélica, aquiniana, kantiana, wolfiana, heideggeriana e outras –, sem entrar na problemática de conceitos – essência, substância, existência – que ainda geram polarizações na filosofia, também quer se distanciar delas, pois pretende escapar do dualismo intrínseco e/ou extrínseco que perpassou a história da metafísica – *ontologia* – na filosofia, todavia, muito mais na teologia ocidental com o influxo do neoplatonismo que privilegiava uma ordem superior em detrimento de uma inferior. Enfim, *ontologia relacional* é empregada nessa pesquisa a partir da compreensão do *princípio fundamental* do conceito Reino de Deus em L. Boff, isto é, como a qualidade primordial que constituiu o ser humano todo, o cosmos todo e Deus. Ficará mais clara nossa intenção quando explicarmos o que chamamos de *alteridade*. A iluminação sobre como compreendemos a *alteridade* no conceito de Reino de Deus em L. Boff explicitaremos com a ajuda de E. Levinas no terceiro capítulo. Cf. 3.1.5.

¹⁷ O conceito *princípio fundamental, Grundprinzip*, com a acepção que está recebendo nessa tese, não é oriundo da definição que Leonardo Boff faz sobre o Reino de Deus. Esse conceito é cunhado por nós para descrever as características principais, essenciais, basilares e fundantes do conceito de Reino de Deus em L. Boff.

¹⁸ BOFF, L. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972. Quando for necessário, nós utilizaremos sua tese doutorado, onde ele também mostra a relação de continuidade entre Jesus Cristo, Reino de Deus e Igreja. Inicialmente entendemos que ela deveria também ser a fonte primária de nossa pesquisa, por ser em tese o primeiro aprofundamento teológico de L. Boff. Durante a pesquisa, descobrimos que, apesar de ela não estar traduzida para o português, esta tese utiliza praticamente quase todas as partes nos livros que publicaria nos anos que cobrem nossa pesquisa. Cf. BOFF, Leonardo. *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung. Versuch einer Legitimation und einer struktur-funktionalistischen*

em 1985, nosso autor admitiu que a tese dessa obra foi mais desenvolvida em outros relevantes textos: “Esta perspectiva perpassa todo o livro. Ela pôde ser mais bem aprofundada num trabalho posteriormente escrito e aqui intitulado como abertura dessa nova edição: *Jesus Cristo Libertador: o centro da fé na periferia do mundo*.”¹⁹ Em seguida, L. Boff também afirmaria que “outros temas da cristologia foram detalhados em obras específicas, a saber, *A ressurreição de Cristo – a nossa ressurreição na morte; Paixão de Cristo, paixão do mundo; e Encarnação: a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*”²⁰. Nosso autor acrescenta ainda que a reflexão queria atingir a oração, por isso, “surgiram a *Via sacra da justiça* e a *Via sacra da ressurreição*”²¹.

Essas considerações do autor enriquecem nosso trabalho, pois, visitamos as obras supracitadas e delimitamos nossa pesquisa às obras publicadas entre 1963 e 1977. O período de 1963 a 1964, anos em que escreveu os cinco primeiros artigos. De 1965 a 1970, período em que realizou os estudos de doutorado na Alemanha. E entre 1970 e 1977, época em que produziu as primeiras obras teológicas. Neste período é que foi elaborada a base das ideias do conceito Reino de Deus e provavelmente de toda a teologia que se desdobraria nos anos seguintes. A maioria dos atuais pesquisadores da teologia boffiana concorda que há continuidades e rupturas em sua teologia, dentro do que se denomina *mudança de paradigma*²² no conjunto de sua obra. Estamos cômicos de que em outros textos tardios, L. Boff retoma, até com mais dados atuais, conceitos que estamos trabalhando agora²³. Portanto, essa é nossa grande limitação, pois nosso tempo não nos permite alongar os períodos

Grundlegung der Kirche im anschluß ann das II. Vatikanische Konzil. Paderborn: Verlag Bonifacius-Druckerei, 1972. Parte IV.

¹⁹ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 14.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*.

²² BAPTISTA, Paulo A. Nogueira. *Libertação e diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em L. Boff*. Juiz de Fora: Tese (Doutorado em Ciência da Religião) UFJF, 2007, p. 174-210.

²³ Um exemplo é seu primeiro livro de 1971, *O Evangelho do Cristo Cósmico*, reeditado e atualizado em 2008, trazendo novas dimensões da relação de Cristo com outras figuras históricas.

posteriores e visitar todos os artigos²⁴ e livros que extrapolam a delimitação.²⁵ Nossa pesquisa se limita à base, ao fundamento, *Grundlage*. Apenas no último capítulo acenamos para os temas que L. Boff trabalhou como respostas aos problemas vigentes, a partir de um mesmo princípio. Também, nos reservando ao período pré-delimitado. Em princípio, trabalharíamos com os anos 70, e alguns artigos publicados antes de 1975. Excepcionalmente prolongamos até 1977, pois este autor afirmou o desenvolvimento do tema nos textos específicos, que se estendem até essa data²⁶.

Não é nossa intenção, e nem seria possível em uma tese de doutoramento, percorrer as diversas etapas da teologia boffiana. Estamos limitados a um curto período, a base na qual está, inicialmente, a sistematização do conceito *Reino de Deus* e os seus corolários, como cristologia, antropologia, eclesiologia, sacramento, graça e Trindade. Não pretendemos também aprofundar esses tratados supracitados, mas abordá-los na medida em que se tornam extensão do *princípio*

²⁴ No Brasil, os lugares onde existem pesquisas sobre sua teologia são: Universidade Federal de Juiz de Fora; Universidade Metodista de São Paulo; Escola Superior de Teologia da IECLB (EST), em São Leopoldo; Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (ISI-CES), em Belo Horizonte, também chamado de Instituto Santo Inácio; Universidade Pontifícia Salesiana, Faculdade de Teologia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Faculdade de Comunicação Social; Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo; Faculdades Integradas UPIS, Brasília.

²⁵ No exterior, países onde existem algumas pesquisas sobre sua teologia: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Canadá, Chile, Colômbia, Croácia, Espanha, França, Holanda, Hungria, Índia, Inglaterra, Irlanda, Itália, Japão, Coreia, Polônia, Portugal, Singapura, Suíça, USA, Venezuela, Yugoslavia. Idiomas: alemão, austríaco, castelhano, catalão, chinês, coreano, croata, espanhol, francês, húngaro, inglês, italiano, japonês, polonês, yugoslavo. Pode-se ainda conferir os principais centros acadêmicos onde existem pesquisas sobre sua teologia: Pontifícia Univ. Gregoriana - Inst. Espiritualidad 1976-77; Univ. Mainz. Fac. Theologie 1982; Univ. Lubelski 1985; Univ. Freiburg 1985, 1986; Pont. Facoltà Teologica dell' Italia Meridionale, 1985-86; Katholieke Universiteit Te Leuven, 1987; Univ. de Montréal. Fac. de Teol. 1988; Univ. Hamburg, 1990, 1992; Nimegen. Univ. Publikatie-bureau KUN, 1991; Roma, Pontifícia Facoltà Teológica "Marianum"; Univ. Catholique de Louvain 1992; Cambridge-Massachusetts (USA). Harvard Divinity School, 1993; Universität Basel, Theologische Fakultät. 1993; Grünewald Verlag, Mainz 1994; Università degli Studi di Pisa, 1996-97 Pontifícia Facoltà Teologica Marianum, Roma; Facultad de Teologia del Norte de Espana, Sede Vitoria, 1997; Cambridge-USA, 1997; Universidad Nacional Autonoma de Mexico, 1999; Pontifícia Universitas Gregoriana, Roma, 2002; Universität Basel-Switzerland, 2003; University College Chichester, England.

²⁶ Precisamos destacar que conseguimos fazer essa delimitação após constantes diálogos com nosso co-orientador da Universität Tübingen, Prof. Dr. B. Jochen Hilberath. Nosso período de estágio nessa universidade foi imprescindível para o desenvolvimento mais rigoroso de nossa pesquisa. Não menos importantes foram as diversas considerações, desde a escolha do tema, feitas pela nossa orientadora sempre presente, Professora Dra. Maria C. L. Bingemer.

fundamental do Reino de Deus. Gostaríamos de contribuir mostrando que, a despeito da mudança, conservam-se elementos fundantes que serão sistematizados a partir de outros contextos dialogais, a saber, o *Espírito da Época* e o *Contexto Vital*. Identificamos que o *princípio fundamental* do Reino de Deus é sistematizado prioritariamente dentro do contexto do secularismo/secularização. Isso não significa que ele também não se refira ao Brasil, com todas as suas agruras específicas. Porém, apenas a partir de 1974 percebemos a prioridade de outro contexto em sua teologia, a saber, a situação *dependência-opressão* presente no Brasil.

Sugerimos uma interpretação à luz do *princípio da unidiversidade*, justamente porque essas mudanças não são sistemáticas, mas estão inseridas dentro de um alto grau de complexidade. O comentário de J. B. Libanio sobre a totalidade da teologia boffiana evidencia o risco de nossa aventura: “Uma visão geral permite um duplo caminho. Seguir as publicações por ordem cronológica: esbarra-se com a dificuldade da falta de sistematicidade. Organizar as obras do autor por blocos: peca-se por falta de visão processual do pensamento”²⁷.

Na teologia boffiana, a cristologia e os temas subsequentes dependem diretamente do conceito de Reino de Deus. Porém, é necessário destacar que, das várias teses de doutorado espalhadas pelo mundo sobre a teologia boffiana,²⁸ nenhuma delas é especificamente sobre o conceito de *Reino de Deus*. Com algumas variações, a maioria dos trabalhos aborda esse conceito como tema de caminho para as subsequentes sistematizações, apesar de reconhecerem sua importância e centralidade em sua teologia, principalmente na abordagem histórica²⁹. Os trabalhos que vão um pouco adiante e colocam o Reino de Deus, como centro de sua teologia, não realizam uma tese completa sobre esse conceito. Esse assunto é tematizado com mais profundidade nas

²⁷ LIBANIO, João Batista. *Op. cit.*, p. 10.

²⁸ Cf. SANDRINI, Marcos. *Evangelizar hoje segundo a Teologia da Libertação de Hugo Assmann e de Leonardo Boff*. Universidade Pontifícia Salesiana, Faculdade de Teologia, 1977, cap 1.

²⁹ Cf. OLIVEIRA, Irene Dias de. *A Trindade como horizonte da Libertação na reflexão teológica de L. Boff*. Napoli: Pontificia Facoltà Teologica dell' Italia Meridionale, 1988; GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes. *A Igreja dos pobres nas obras de Leonardo Boff*. Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1994; WESTFALL, Euler

pesquisas que versam sobre a cristologia libertadora de L. Boff. Nossa tese tem a virtude de contribuir para o desenvolvimento dessas pesquisas. Primeiro, ela sugere a necessidade de uma hermenêutica própria para interpretar a multiplicidade da teologia boffiana na raiz: *princípio da unidiversidade*. Segundo, nós propomos que o seu conceito de Reino de Deus seja lido a partir de um *princípio fundamental*. Terceiro, uma transição de interlocutores em sua teologia entre 1970 e 1977. Uma de nossas contribuições mais contundentes é mostrar que o tema da *libertação* é o primeiro desdobramento prático da reflexão mais teórica do *princípio fundamental* do Reino de Deus. Nesse sentido, buscamos acenar para o fato de que sua teologia é muito mais que o tema da *libertação*, ainda que, muitas vezes, o próprio conceito de Reino de Deus e sua teologia tenham sido lidos como sendo o todo desse conceito.

Juan Luis Segundo deu grande contribuição à pesquisa sobre o conceito de Reino de Deus - Cristologia na teologia boffiana. Esse autor ressalta que, apesar de haver um grande número de estudiosos que veem na cristologia boffiana – e muito especificamente na obra *Jesus Cristo Libertador* – o início de uma reflexão que contempla a América Latina, existe aí grande influência dos métodos e autores europeus.³⁰ Com esse impulso, outros autores revisitaram essa obra cristológica de Boff e puderam dar mais atenção aos termos que dependem diretamente do conceito de *Reino de Deus*. Dentre eles, poderíamos inicialmente citar Hermann Brandt³¹ e Valério Schaper³². Esta é uma das razões para falarmos no conceito Reino de Deus a partir de um *princípio fundamental*, *Grundprinzip*. Ao mesmo tempo, percebemos que ele responde a alguns

Renato. *O Deus cristão: um estudo sobre a teologia trinitária em Leonardo Boff*, Tese (doutorado) na Escola Superior de Teologia, 1997.

³⁰ SEGUNDO, Juan Luis. Nota sobre ironias e tristezas. Que aconteceu com a Teologia da Libertação em sua trajetória de mais de vinte anos? *Perspectiva Teológica*, v. 15, n. 37, p. 393, 1983.

³¹ BRANDT, Hermann. *Jesus Cristo Libertador*. Quanto à compreensão da “cristologia crítica” em Leonardo Boff. *Estudos Teológicos*, v. 14, n.2 p. 36-55, 1974. É bem verdade que mais tarde H. Brandt consideraria essa fala por não levar em conta o contexto de fechamento político presente no Brasil. Muita coisa deveria ser dita nas entrelinhas. BRANDT, Hermann. Leonardo Boff como teólogo protestante? Um balanço pessoal. *Estudos Teológicos*, v. 48, n. 2, p. 10, 2008.

³² SCHAPER, Valério Guilherme. *A experiência de Deus como transparência do mundo: O pensar sacramental em Leonardo Boff entre história e cosmologia*. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1998.

problemas centrais de nossa época, a saber, a insustentabilidade do projeto de desenvolvimento atual que atinge diretamente a forma como o ser humano se relaciona consigo mesmo, com os outros, com o Mistério e com a natureza. Estaria aqui os princípios para a construção de uma teologia da sustentabilidade?

Aos poucos vai se elucidando que a questão central do Reino de Deus em Boff é saber se Deus pode atuar no mundo. Se pode, qual é a qualidade dessa atuação? Existem no mundo, na criação e na humanidade qualidades intrínsecas que possibilitem essa co-participação? Em que medida essas condições intrínsecas à criação e à humanidade são também qualidades do próprio Criador? Não seria, portanto, o Reino de Deus um reino a partir da forma pela qual Ele vive e é, daquilo que o mundo e a humanidade já possuem intrinsecamente? Estaria em Jesus de forma mais transparente o desejo daquilo que Deus já vive e que sonhou para a humanidade e toda a criação? Seria esse o motivo da cristologia e da eclesiologia terem conquistado lugares privilegiados na sistematização da base teológica boffiana? Se isso for real, poderíamos também afirmar que todos os outros temas teológicos desse período, ou seja, antropologia, sacramento, cosmologia, graça, libertação e sociedade são o multifacetamento de um mesmo rosto: as formas de Deus construir a sua história imbricada com a história do mundo e as possibilidades intrínsecas da humanidade e da criação responderem e co-participarem de tal maneira que a história de Deus e as histórias de homens e mulheres sejam apenas uma: a história das alteridades recíprocas, isto é, o *Grundprinzip* do Reino de Deus, onto-relacionalidade do humano todo, do cosmos todo e de Deus como todo.

Do ponto de vista metodológico, o *princípio fundamental* está relacionado à base complexa do início da caminhada teológica de L. Boff bem como às interdependências do conceito *Reino de Deus*. Por isso, mostramos a hermenêutica que considera a *unidiversidade* nos primeiros anos de sua teologia. Nossa hipótese suspeita que o conceito Reino de Deus em L. Boff é colhido da inter-relação entre o Reino, Jesus Cristo (Cristologia) e a experiência das comunidades de fé presentes no Novo Testamento. No início do ministério de Jesus, o Reino de Deus é a

mensagem que ele anuncia, depois, é a própria mensagem encarnada³³. Se Jesus confunde-se com a mensagem do reino, as experiências e reflexões realizadas pela comunidade primitiva, até certo ponto revelam também qualidades centrais desse reino de Deus?³⁴

Portanto, nesta pesquisa, a sistematização do *princípio fundamental* foi construída através da seguinte forma: a base complexa que costura os primeiros anos de sua teologia, isto é, o *Espírito da Época* e o *Contexto Vital*. Daqui colhemos a possibilidade da construção de uma hermenêutica própria: *princípio da unidiversidade*; as definições teóricas sobre o Reino de Deus propostas explicitamente por Jesus; a coerência de sua vida em viver essa mensagem e a totalidade de sua vida, ou seja, encarnação, práxis, morte e ressurreição; e, posteriormente, a experiência do seguimento das primeiras comunidades cristãs registradas no Novo Testamento. Na prática, a Igreja primitiva percebeu na vida de Jesus o equacionamento entre a mensagem presente do Reino de Deus e a sua antecipação. Neste sentido, o *princípio fundamental* do conceito Reino de Deus – ontologia relacional de Deus como todo – do ser humano todo e do cosmos todo – alteridade ontológico-relacional³⁵ – atinge diretamente as diversas estruturas da sociedade que inviabilizam a formação de novas relações de alteridade. Por isso, o *princípio fundamental* guarda sempre um caráter dual: tanto é característica intrínseca de toda criação quanto a busca constante na sociedade para que haja as condições favoráveis para sua atualização. Ou seja, a ontologia que o reino expressa é sempre dinâmica.

O primeiro capítulo navega pela base complexa que costura a amplitude do conceito *Reino de Deus*. Portanto, sobre o *Espírito da Época* e o *Contexto Vital*. A definição desse conceito ocorre no início de sua

³³ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 65, 66.

³⁴ *Ibidem.*, p. 70, 74, 76,77, 118, 121, 125, 147, 155, 157,169

³⁵ O autor define várias vezes o Reino de Deus iniciado por Jesus da seguinte forma: “Reino de Deus é a total revolução e a transfiguração total, global e estrutural desta realidade, do homem e do cosmos, purificados de todos os males e repletos da realidade de Deus. Reino de Deus não quer ser outro mundo, mas o velho mundo transformado em novo”. *Ibidem.*, p. 66. Esta mensagem do Reino terá sua antecipação na vida de Jesus e no seguimento das primeiras comunidades. Será através desta revolução total, linguagem marcada por princípios que se chegará à conclusão que no *princípio fundamental* do Reino de Deus está presente também a configuração de novas relações de alteridade.

atividade teológica. Desde muito cedo, L. Boff já mostrava uma característica que mais tarde se evidenciaria em seus escritos: a dialogicidade. Entretanto, uma peculiaridade dialogal é a que guardará sempre seu intrínseco ineditismo. Por isso, nosso olhar terá que estar atento a esse dado. Em seus primeiros escritos, base de nossa pesquisa, constatou-se um conjunto complexo de influências. Por isso, os termos usados para definir Reino de Deus estão sempre dentro de uma dinâmica ampla e, ao mesmo tempo, profundamente inclusiva através de princípios. Carinhosamente, o denominamos de *teólogo do limite-fronteira* ou *da entre-letra*. Essas denominações não se reduzem a um local ou apenas a textos, mas ao estado da alma atingida no centro de sua existência que se esparrama nas reflexões teológicas; esse estado *limite-fronteira* inicia-se com a história familiar de imigrantes italianos no Brasil. Ainda o encontramos como um teólogo perpassado pela pobreza de seus irmãos brasileiros, pelas ditaduras na América Latina e, concomitantemente, pela abertura de novos ideais impulsionados pela Europa nas décadas de 60 e 70. Não é menos relevante o fato de que L. Boff é formado pela rígida escola alemã. Desde o período de pesquisas em sua tese de doutorado em Munique, reverberam sobre ele as grandes discussões teológicas da Europa, iniciadas antes mesmo do Concílio Vaticano II e pulverizadas depois em diversos contextos mundiais, como veremos através da Conferência Episcopal de Medellín.

Ainda nesse capítulo, podemos pesquisar alguns teólogos e teologias que, nessa primeira etapa, estão presentes como proto-influências. Tarefa também não muito tranquila, uma vez que, em seus primeiros livros, existe um profundo rigor de pesquisa sobre cada tema antes da dissertação. Em geral, L. Boff faz uma explanação sobre os principais teóricos e seus posicionamentos, para, em seguida ou concomitantemente, elaborar sua própria leitura. Entretanto, essa descrição panorâmica se dá já com críticas e apropriações. Assim, podemos perceber algumas influências com diálogos teológicos subjacentes ao conceito de *Reino de Deus*: a cristologia cósmica e o conceito de *Transparência de Teilhard de Chardin*, a cristologia-antropologia de Karl Rahner e a teologia política de J. B. Metz, a

sacramentalidade da criação de São Francisco, a Esperança de Moltmann, o *Prinzip Hoffnung*, *princípio-esperança*, de Ernst Bloch e outros. O que foi aqui traçado conduziu-nos à visualização de uma base teórica e teológica que entrelaça o conceito de Reino. Com esse *background* fica mais fácil o aprofundamento nos termos usados para expressar o conceito do Reino de Deus no próximo capítulo. Isso significa dizer, à luz do *princípio da unidiversidade*.

No segundo capítulo, mostramos como Leonardo Boff faz a definição sobre o que é Reino de Deus e como, a partir daí, já podemos visualizar melhor o seu *princípio fundamental*. Assim, inicialmente, abordamos como o tema do Reino de Deus é re-significado a partir da teologia europeia do século XX. Escolhemos alguns autores que aparecem na obra de nossa pesquisa. Essa re-significação é importante porque chegaremos às novas interpretações da história que já estão fermentando no Brasil e na América Latina, antes mesmo de L. Boff assumir qualquer protagonismo teológico em terras brasileiras. Descobrimos, também, que o imaginário da apocalíptica judaica é imprescindível para compreender a profundidade dos termos utilizados por L. Boff para definir o conceito *Reino de Deus*.

Em seguida, estudamos as bases do Reino de Deus e a sua relação com a Cristologia, com a Trindade, com a Eclesiologia, com a Antropologia, a Cosmologia e a Sociedade. Este capítulo mostra o relacionamento recíproco e de dependência entre a mensagem do Reino de Deus anunciada por Jesus, a sua coerência em praticá-la e a forma como as primeiras comunidades do Novo Testamento a atualizaram no seguimento. As comunidades evangélicas neotestamentárias perceberam, na vida de Jesus, o equacionamento coerente da mensagem do Reino de Deus. Através dessa tríplice observação será construído o *princípio fundamental* do Reino de Deus: humano, cosmos e Deus – alteridade ontológico-relacional, ou seja, trabalho constante na sociedade e na Igreja de relações que guardem fundamentalmente esse tipo de alteridade. Com isso, essa investigação demonstra que, como fundamento do Reino de Deus, está implícito o relacionamento entre Cristologia, Trindade,

Antropologia, Cosmologia, Ecclesiologia e Sociedade³⁶. Esse capítulo considerou, na discussão sobre Cristologia, que, primeiro, Jesus prega a mensagem do Reino. Ele é portador de uma mensagem. A mensagem do Reino é a mensagem de Deus, Senhor desse Reino. É uma mensagem que se refere a um contexto sócio-religioso e diz respeito a toda a história, uma vez que a encarnação e a ressurreição aconteceram na história humana e no cosmos. Neste sentido, tanto o caráter de Deus quanto o de Jesus são lidos e interpretados numa relação de reciprocidade com a mensagem do reino, ou o sonho do reino, a utopia do reino que se transforma em toopia de uma nova esperança.

No terceiro capítulo aprofundamos as qualidades primordiais que constroem o *princípio fundamental* do conceito *Reino de Deus*. Aqui retomamos com mais profundidade a utilização a hermenêutica própria para a teologia boffiana: leitura à luz do *princípio da unidiversidade*. Assim introduzimos alguns aprofundamentos, onde percebemos uma particularidade na teologia do Reino em L. Boff: primeiro, a insuficiência da linguagem conceitual para a teologia do Reino. Segundo, o viés simbólico, como linguagem fundamental da Totalidade. L. Boff percebe que Jesus busca desideologizar a linguagem do Reino para revelar algo mais profundo. Terceiro, os conceitos do Reino de Deus podem ser mais bem compreendidos à luz da linguagem do *princípio fundamental*: alteridade ontológico-relacional. Quarto, como a *alteridade* não é um termo da conceituação boffiana para o Reino, entendemos que ela seria mais bem elucidada a partir de uma pequena comparação com o termo em E. Levinas. Indicamos tanto as similaridades como disparidades com o nosso autor. O termo *alteridade* é expandido quando utilizado à luz do *princípio fundamental* do Reino de Deus que incluiu a dimensão cósmica.

À luz dessa consideração são analisadas as dimensões ontológico-relacionais que caracterizam fundamentalmente o reino: onto-relacionalidade Antropológica, Cósmica e Divina. Mostra-se também a sua permanente busca pela historicidade nas tramas sociais, ou seja, diálogo com as configurações da sociedade objetivando novas relações de

³⁶ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 65, 66.

alteridade, como característica fundamental do Reino de Deus. A partir daí, desenvolvemos a ontologia relacional de todo ser humano. Ela revela a condição humana de sinalizar para o mundo a singularidade de uma ética para vida integral como uma das facetas do *princípio fundamental*. Do mesmo modo, desenvolvemos a ontologia relacional do cosmos todo, bem como a sua capacidade, como parte da formação do *princípio fundamental*, de perceber no cosmos a sua dignidade-alteridade e o valor imprescindível do cuidado e do respeito ao ecossistema como sustentabilidade. Dentro desse contexto, aprofundamos a onto-relacionalidade de Deus como todo, ou seja, entre Pai, Filho e Espírito. Essa dimensão relacional do *princípio fundamental* aponta os primeiros sinais para o estabelecimento de um amplo projeto de alteridade, marcado pela reconciliação do ser humano com toda a criação e com sua destinação Derradeira, fundamentado na mística do amor Trinitário.

No quarto capítulo, abordamos como o *princípio fundamental* está presente nos temas específicos da teologia de L. Boff e se torna resposta para questões que tangenciam o mundo atual: a crise de sentido absoluto do ser humano e a degradação do ecossistema. Para cada situação, o *princípio fundamental* do Reino de Deus traz propostas, a saber, a abertura para Deus, para o outro e para a natureza. A crise de sentido que redunde na crise ambiental denota um fechamento radical do ser humano que obstaculiza a proposta fundamental do Reino que, na verdade, é intrínseca a toda a criação. Por isso, propusemos que a crise ambiental não pode ser discutida no âmbito monopolizado pela economia. É necessário um projeto que envolva todas as disciplinas, todas as áreas e toda a sociedade. Sendo assim, sinalizamos que, em nossa percepção, o aquecimento global é o representante máximo da caducidade de um modelo de relacionamento do ser humano com o outro, consigo mesmo, com a natureza e com o Transcendente. Neste sentido, à luz da alteridade ontológico-relacional, propomos que a situação de vigência não é periférica, mais central, fundamental e, portanto, se refere ao limite entre morte e vida, isto é, ao sentido Absoluto do ser humano e de todo o cosmos.

Sendo assim, acreditamos que o mundo deve ser reinventado a partir das suas estruturas fundamentais. Esse é, portanto, um momento também de colhermos o fundamental da teologia, que em nosso caso, é a amplitude da alteridade. Assim, abordamos a crise pelo viés da pergunta que necessita de uma resposta pelo Sentido do sem-sentido. A partir daí, então, podemos oferecer nossa proposta que dialoga com a crise do ser humano como base da crise ambiental: a reinvenção o ser humano à luz das dignidades–alteridades como ética da vida e da esperança; a reinvenção do mundo como convivência sustentável para a nossa e as próximas gerações e finalizamos com a proposta de reinventar a espiritualidade como experiência de Deus, aproximando o mundo. Acreditamos que temos a pistas para que construamos uma teologia da sustentabilidade das alteridades recíprocas. Através dessa teologia, teríamos o caminho para formarmos um mundo que seja palco da coexistência solidária de homens e mulheres com toda a criação e do encontro genuíno com Deus.